



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ REITORIA DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE PESQUISA E EXTENSÃO EM HISTÓRIA LOCAL
ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS DE HISTÓRIA LOCAL:
SOCIEDADE, EDUCAÇÃO E CULTURA.**

TATIANA SANTOS OLIVEIRA BARBOSA

**O PROTAGONISMO FEMININO NA LUTA POR MORADIA:
UM OLHAR SOBRE A OCUPAÇÃO DO BAIRRO DAS MALVINAS**

**CAMPINA GRANDE - PB
2020**

TATIANA SANTOS OLIVEIRA BARBOSA

**O PROTAGONISMO FEMININO NA LUTA POR MORADIA:
UM OLHAR SOBRE A OCUPAÇÃO DO BAIRRO DAS MALVINAS**

Trabalho de Conclusão de Curso em forma de artigo apresentado ao Curso de Especialização em Estudos de História Local: Sociedade, Educação e Cultura da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em História Local.

Área de concentração: Espaço, cultura e sociabilidades.

Orientadora: Profa. Dra. Hilmaria Xavier Ribeiro

**CAMPINA GRANDE-PB
2020**

TATIANA SANTOS OLIVEIRA BARBOSA

O PROTAGONISMO FEMININO NA LUTA POR MORADIA:
UM OLHAR SOBRE A OCUPAÇÃO DO BAIRRO DAS MALVINAS

Trabalho de Conclusão de Curso em forma de artigo apresentado ao Curso de Especialização em Estudos de História Local: Sociedade, Educação e Cultura da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em História Local: Sociedade, Educação e Cultura
Área de concentração: Espaço, cultura e sociabilidades.

Aprovada em: 06 de julho de 2020.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Hilmaria Xavier Ribeiro (Orientadora)
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA (UEPB)



Prof. Ms. Glauber Paiva da Silva - Avaliador
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA (UEPB)



Prof. Ms. Raquel Silva Maciel - Avaliadora
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFCE)

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B638p Barbosa, Tatiana Santos Oliveira.
O protagonismo feminino na luta por moradia [manuscrito] :
um olhar sobre a ocupação do Bairro das Malvinas / Tatiana
Santos Oliveira Barbosa. - 2020.
27 p. : il. colorido.
Digitado.
Monografia (Especialização em Estudos de História Local,
Sociedade, Educação e Cultura) - Universidade Estadual da
Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa , 2020.
"Orientação : Profa. Dra. Hilmaria Xavier Ribeiro ,
Departamento de História - CEDUC."
1. Campina Grande - Paraíba. 2. Espaço urbano. 3.
Mulher. 4. Movimento social. I. Título
21. ed. CDD 307.76

À minha querida mãe Neide (In memoriam),
pela educação, suporte e companheirismo.
DEDICO.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Mapa da cidade, em destaque. a atual Malvinas.....	10
Figura 2 –	Tanque de água da rua Sobral	15
Figura 3 –	Recorte de jornais.....	17
Figura 4 –	Recorte de jornais.....	17
Figura 5 –	Rua das Umburanas, em 1987.....	21
Figura 6 –	Rua das Umburanas, em 2019.....	21

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNH	Banco Nacional de Habitação
CEHAP	Companhia Estadual de Habitação Popular
DETRAN	Departamento Estadual de Trânsito
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia Estatístico

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 HABITAÇÃO PARA QUEM? AS POLÍTICAS HABITACIONAIS NA CONSTRUÇÃO E FORMAÇÃO DO CONJUNTO ÁLVARO GAUDÊNCIO DE QUEIROZ.....	09
3 DE CONJUNTO HABITACIONAL ÁLVARO GAUDÊNCIO DE QUEIROZ AO BAIRRO DAS MALVINAS: A HISTÓRIA DA OCUPAÇÃO	12
4 UM NOVO TEMPO: FORMAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DO MAIOR BAIRRO DE CAMPINA GRANDE-PB.....	19
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	23

O PROTAGONISMO FEMININO NA LUTA POR MORADIA: UM OLHAR SOBRE A OCUPAÇÃO DO BAIRRO DAS MALVINAS

Tatiana Santos Oliveira Barbosa²

RESUMO

O presente trabalho versa sobre a construção do Conjunto Álvaro Gaudêncio de Queiroz. O estudo é desenvolvido principalmente com base na oralidade a partir das vivências de pessoas participantes da ocupação do bairro das Malvinas, em Campina Grande- PB, durante a década de 1980, a partir do ano de 1983 época marcada pela luta de direitos sociais e avanço da luta feminina por visibilidade em alguns setores da sociedade. Esse foi um movimento de forte resistência popular frente ao governo, assim os habitantes da comunidade lutaram arduamente por muitos meses sem as mínimas condições básicas, mesmo assim a união prevaleceu, após sete anos de conflito o conjunto tornou-se bairro, sendo nomeado de Malvinas, assim como desejava os moradores, hoje é o maior da cidade em número de habitantes. A partir destas informações, este texto se norteia pela seguinte questão: de que modo o processo de produção do espaço urbano ocorreu através da análise do cumprimento ou não das políticas públicas voltadas para a habitação em Campina Grande? Observando-se os problemas e a luta das mulheres na busca por moradia até a construção do bairro. O artigo foi desenvolvido a partir do relato de vivência e memórias de mulheres e homens que fizeram parte do movimento de invasão e ocupação, além de embasamento teórico de outros estudiosos sobre o tema. É por meio dessas discussões que é perceptível como este espaço se modificou em apenas 36 anos de existência e como muitos moradores ainda guardam em sua memória com muito orgulho todo esse processo de constituição.

Palavras-chave: Campina Grande-PB Espaço Urbano. Mulher. Movimento social.

ABSTRACT

The present work deals with the construction of the Set Álvaro Gaudencio de Queiroz, the study is developed mainly based on orality from the experiences of people participating in the occupation of the Malvinas neighborhood in Campina Grande-PB during the 1983 decade, a time marked by the struggle for social rights and advancement of the female struggle for visibility in some sectors of society. This was a movement of strong popular resistance towards the government, so the inhabitants of the community fought hard for many months without the minimum basic conditions, the union prevailed, after seven years of conflict the group became a neighborhood and named Malvinas, as the today, it is the largest city in number of inhabitants. From this information, the text is guided by the following question: process of production of urban space through the analysis of compliance or not with public policies aimed at housing in Campina Grande, especially in this group, in addition to the problems and the struggle of women in the search for until the construction of the neighborhood. The article was developed based on the experience and memories of women and men who were part of the invasion and occupation movement, in addition to the theoretical basis of other scholars on the subject. It is through these speeches to see how it changed in just 36 years of existence and how many residents still proudly keep this whole process in their memory.

Keywords: Campina Grande-PB. Urban space. Women. Social moviments.

² Graduada em História pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: tatty.historia@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Os escritos sobre cidades do século XIX demonstram como ela é um espaço dotado de multidões, trabalho fabril, desemprego, falta de moradia, crescimento, vivências e até a criação de um tempo artificial. Os espaços urbanos surgem a partir de demolições, abertura de avenidas e aspirações de saneamento básico para o controle de epidemias. O projeto urbano visava criar novos padrões de comportamento e moralidade, para chegar aos padrões de Paris, a cidade começou a ser pensada como um sistema racional ao qual higienistas, sanitaristas, engenheiros seriam os chefes construtores desse novo tempo e dessas construções, a população era convidada a se modernizar.

Durante o século XX, esse modelo foi se consolidando e as cidades passaram a crescer, ruas alargadas, comércios se expandiram, a população cresceu. É o momento de expandir as construções para além dos muros do centro, as grandes metrópoles começaram a despontar e muitas cidades começaram a pensar em uma arquitetura identitária, dessa forma, as novas estruturas arquitetônicas surgiram e tomaram lugar das antigas, tudo em nome do novo. Isso ocorreu em muitas cidades brasileiras que também passavam por esse processo de arquitetura modificada e os novos lugares passaram a ser habitados.

Com a modernização, os estudos sobre cidades têm despertado cada vez mais a curiosidade de pessoas, despontando novas perspectivas de conhecer o seu ambiente e até immortalizar aquele espaço em determinada época. A área de estudo localiza-se na cidade de Campina Grande, interior do estado da Paraíba, a 123 km da capital desse estado, o bairro das Malvinas, a partir de seu surgimento e como ele se modela diante da política de habitação durante o ano de 1983, assim como o empoderamento de algumas mulheres em busca de moradias diante do impasse do governo.

As Malvinas surgem primeiramente em forma de conjunto habitacional, mas conforme a ausência de políticas públicas para sua inauguração e grande déficit de moradia na cidade acaba sendo ocupado por populares que acreditavam serem os contemplados no sorteio das casas. A história do bairro ganha grande notoriedade quando começa a ser chamado de Malvinas já que em 1983 estava ocorrendo um conflito armado entre a Argentina e o Reino Unido, objetivando a posse das Ilhas Falklands, conhecida como Ilhas Malvinas.

A Malvinas nasce em um cenário histórico marcado pela falta de visibilidade feminina, a qual deixaram a invisibilidade e a discriminação e se direcionaram ao objetivo de proporcionar aos seus filhos melhores condições de moradia, foi um tempo difícil, mas superaram. A partir disso, houve a ampliação de espaços públicos, que lhes eram negados com sua inserção, por meio de muitas reuniões políticas e sociais em que puderam participar, expondo suas ideias, dúvidas e objetivos. A atuação das mulheres na luta pelo direito à moradia no bairro possibilitou novos olhares sobre a condição do ser mulher naquele momento. Atualmente, muitos desses moradores lutam por um seguro habitacional que o governo deve pagar aos moradores do bairro por garantias estruturais das casas construídas pela Caixa Econômica Federal na época, cujas estruturas apresentaram problemas de vícios de construção ao longo dos anos.

A relevância social do tema surge do ato de ouvir durante muitos anos a histórias de mulheres habitantes do bairro sobre a formação e sua luta para permanecerem nesse espaço, em pleno período de repressão que assolava o país, o regime militar. Dentro desse contexto complexo, não se calaram, resistiram e lutaram. Essas histórias estão nas memórias dos moradores e com o tempo muitas delas vão se perdendo, sejam pelas mortes dos primeiros fundadores ou pela falta de incentivo à pesquisa local. Dessa forma, o curso de Pós-Graduação em História Local torna-se um receptáculo de memórias e incentivo à pesquisa de temas relevantes, socialmente unindo o conhecimento científico acadêmico com o popular.

A partir dessas informações, a pesquisa se norteia pelas seguintes questões: as políticas públicas de habitação da cidade e no bairro das Malvinas, com a luta das mulheres na busca por moradia, o surgimento do bairro gerando o fortalecimento da cidadania e o silenciamento da luta feminina no movimento de ocupação nos órgãos de imprensa da cidade e de como elas participaram ativamente de todo o processo de construção.

Com base nesta inquietação, analisamos o depoimento de moradoras e familiares de mulheres que participaram ativamente da ocupação do conjunto e sua luta diária durante período de ocupação em 1983 e a consolidação de conjunto habitacional para o bairro atualmente conhecido como bairro-cidade, por ser o mais populoso de Campina Grande.

As construções teóricas-metodológicas estão ancoradas na pesquisa exploratória com um destaque para uma revisão bibliográfica, vídeos do *Youtube*, blog do bairro, jornais da época, além dos poucos e raríssimos textos sobre o tema já publicados, com destaque especial para os depoimentos e entrevistas para que pudéssemos avaliar e encontrar os resultados desta investigação e, principalmente, valorizar as vozes que por muito tempo foram esquecidas ou silenciadas.

Diante das leituras e vivências surge a necessidade de não mais silenciar essas vozes bairro, mas imortalizar os fatos e as personagens integrantes de um movimento tão importante quanto a ocupação do bairro pelo próprio povo, a construção da cidadania e, especialmente, o companheirismo das famílias que integraram o movimento. Afinal, esse bairro constitui-se como um dos poucos que possuem seu próprio hino ou bandeira, o que revela sua luta popular.

2 HABITAÇÃO PARA QUEM? AS POLÍTICAS HABITACIONAIS NA CONSTRUÇÃO E FORMAÇÃO DO CONJUNTO ÁLVARO GAUDÊNCIO DE QUEIROZ

A propagação do processo de expansão das cidades brasileiras foi caracterizada através da urbanização de espaços públicos e periferização de algumas áreas. Em Campina Grande, muitas foram as edificações construídas a partir de 1980, em particular essas habitações eram em tese destinadas para população de média ou baixa renda. Esses conjuntos eram construídos em lugares distantes do centro da cidade ou longe dos lugares mais habitados da cidade, destinados a pessoas que precisavam de moradia. Apesar de alguns gozarem de uma certa melhoria de condição social quando contemplados com as casas, muitos enfrentavam dificuldades para manter-se em lugares tão inóspitos, gerando uma desigualdade socioespacial.

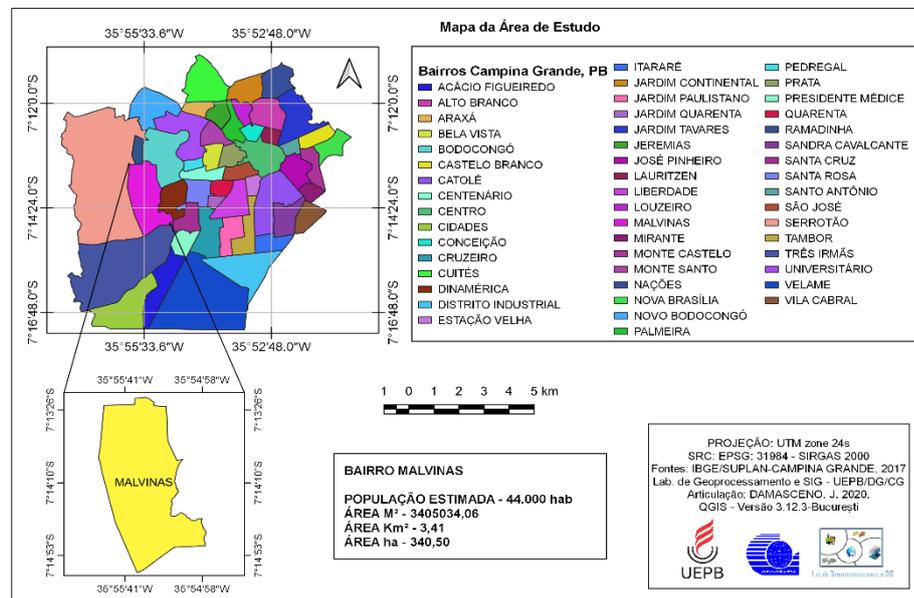
Os espaços centrais na cidade são disponibilizados para aqueles que podem pagar por ele. A política de habitação do governo conduzia as pessoas a ocuparem espaços em áreas menos valorizadas que não interessava ao mercado imobiliário, sendo mais barato também para o custeio de gastos pelos órgãos competentes, principalmente porque nessa década a cidade de Campina grande passou a receber um grande número de pessoas. Maia (2014) discute que a expansão de cursos ofertados pela Universidade Federal da Paraíba foi positiva para esse crescimento, já que a partir de então a cidade passou a receber muitas pessoas querendo se qualificar, trabalhar, estudar e morar, impulsionando o crescimento do comércio, bens e serviços, além do crescimento pela procura de setor por imóveis centrais.

Nesse sentido, distante do centro ou de qualquer outro bairro, o Conjunto Habitacional Álvaro Gaudêncio começa a ser timidamente construído na cidade. Ainda não era com a proposta de bairro, Gonçalves (1988) aponta que para um lugar ser considerado bairro deve concentrar um número de pessoas com funções particulares, existindo, dessa forma, bairros

operários, residenciais, comerciais, sendo centros polifuncionais. O conjunto surgiu residencial, a fim de sanar o déficit habitacional presente na cidade naquele momento.

Primeira das grandes construções em massa que a cidade experimentava e não demorou muito para que muitos o considerassem como um bairro-cidade devido ao seu rápido crescimento em apenas 36 anos de existência. Sendo, de acordo com o censo do IBGE (2010), o maior de Campina Grande atualmente.

Figura 1: Mapa da cidade em destaque a atual Malvinas



Fonte: Damasceno, J. 2020

Observando o mapa e notando que sua extensão territorial é menor, comparada a outros bairros da cidade. As Malvinas têm uma grande zona de influência, deixando muitos confusos a partir da ideia de que é o maior bairro da cidade não só em população. O mapa acima confirma que existe em seu entorno outros bairros maiores em extensão territorial. Para Oliveira,

a estruturação do bairro vem consolidando a partir do aumento do número de unidades residenciais, transformação de usos do solo urbano com o aumento de estabelecimentos comerciais e descentralização de serviços de demanda regional como o hospital de Trauma e Emergência e o DETRAN. (2017. p.101)

Talvez, devido a construção de mais residências, alargamentos de ruas e abertura de novos fluxos e zonas de influência, a elevação a título de bairro-cidade provoca confusão a muitas pessoas que acreditam que seja o maior da cidade em vários quesitos.

Como conjunto habitacional, inserido na política de habitação popular da periferia planejada, composto por cerca de 3 mil casas idênticas, a princípio resolveria os déficits habitacionais de muitos populares residentes na cidade de Campina Grande. Essas casas deveriam ser entregues pela Companhia Estadual de Habitação Popular (CEHAP), órgão que selecionaria quem teria direito ou não.

Construído distante da área urbanizada da cidade e do centro, como pode se notar no mapa acima, era visivelmente percebido o abandono e vazio das casas, as pessoas esperavam ansiosamente a inauguração, mas a demora para a conclusão arrastava-se por muito tempo, a situação se tornava insustentável principalmente a partir do momento em que o prazo para ser inaugurado não foi cumprido devido às brigas políticas.

A Companhia Estadual de Habitação Popular não entregava o conjunto alegando não terem concluído todas as etapas de construção, tais como: saneamento, água e energia elétrica,

assim o sorteio das casas populares aos que foram inscritos no programa não seria possível naquele momento, fazendo necessário aguardar mais um tempo até concluir, tempo este que se arrastava por meses sem solução. Todavia os interessados estavam ansiosos já que grande parte dessas pessoas que pagavam aluguel, moravam em área de risco ou residia na casa de parentes e notavam que o conjunto já era habitável e que precisava de poucos reparos. A situação tornase ainda mais insustentável a partir do momento em que é divulgado por opositores políticos do então prefeito que a demora era devido aos embates políticos entre situação e oposição, mediante o ano eleitoral que aproximava.

No entanto, de acordo com Silva (1987), entre as décadas de 1970 a 1980, a Companhia Estadual de Habitação não produziu nenhuma moradia para a população de baixa renda, as casas eram destinadas aos investimentos para financiamentos de habitação da denominada classe média. Talvez essa demora aos anseios dos que desejavam não eram atendidos, porque essas casas não deveriam ser destinadas ao público que estavam reivindicando. Silva (2015) informa que, a partir de 1986, a política habitacional brasileira passa a ser responsabilidade da Caixa Federal e não mais o BNH, Maia (2010) completa que os financiamentos para a habitação passam a exigir uma renda mínima de três salários mínimos.

A partir do momento em que as políticas habitacionais passaram a ser responsabilidade da Caixa Federal surgiram alguns programas voltados para capacitação de recursos para essa área, contudo, até o início dos anos 2000, não houve alguma mudança substancial no quadro do déficit habitacional brasileiro. Atualmente existe alguns programas habitacionais disponibilizados para pessoas de baixa renda como é o caso do programa federal *Minha Casa Minha Vida* que, juntamente com o governo estadual em 2019 entregou cerca 4 mil residências a famílias de baixa renda da cidade, o complexo Aluísio Campos.

No caso das casas do conjunto, muitas estavam sendo negociadas politicamente pelo o governo estadual e municipal em troca de apoio político, sendo um dos fatores que também gerou a demora dos sorteios. A situação só piorava. As pessoas no primeiro momento assistiam bestializados essas trocas, o abandono das casas e o constante medo de invasão ou furtos indevidos dos imóveis que ainda não haviam sido inaugurados.

De fato, a história do bairro teve um início difícil que pode ser comprovado pelo o estudo dos jornais da época que fizeram a cobertura da invasão das casas, termo esse que, parte dos moradores não reconhecem. Não precisa ser morador do bairro para notar que esse é um tema sensível entre seus integrantes e sempre quando debatido ocorre um embate entre aqueles que acreditam que o bairro realmente foi invadido e outros que discutem que o termo correto a ser usado seria ocupação.

Todo esse debate de ideias depende do lugar social o qual estar inserido a pessoa em questão. Quem estava inscrito no sorteio da CEHAP, a fim de ganhar uma casa prefere utilizar o termo *ocupação* e quem não havia realizado a matrícula, mas participou ativamente do movimento de apropriação ou teve parentes participantes considera-se como um *invasor*.

A questão de ser ou não ser um invasor, ser ou não ser ocupante, Indursky (2002p.125), analisa que, essa dupla designação poderia, numa primeira análise, ser considerada pelo viés da sinonímia, pois tanto ocupação quanto invasão remetem referencialmente à prática adotada, ou seja, depende muito do individuo e sua condição no momento, existem ainda aqueles simpatizantes da causa que mesmo não tendo vivenciado ou participado de toda a trajetória sente-se como um invasor pelo sentido de luta e conquista por direitos em um tempo tão difíceis.

Assim ser invasor é um elogio que parte dos moradores incorporam o termo como um troféu, já que a palavra tem uma simbologia atrelada à conquista de obter algo que tanto almejava, a moradia. Esse termo ainda ganha força entre os populares, pois possui uma história de luta para seguir, de resistência, por permanecerem nas casas, desafiando o poder local e, principalmente, a vitória por terem permanecido no local sem as mínimas condições dignas de moradia e realizar o grande sonho de conquistar a casa própria.

Para muitos moradores, as Malvinas é sim um bairro-cidade, para entender melhor o porquê desse pensamento é preciso enveredar pela história de sua formação ao crescimento atual. Além de discutir o processo que culminou na ocupação do bairro e lembrar da esperança que muitos tinham com a conclusão do conjunto habitacional construídas na época pelo governador Wilson Braga.

3 DE CONJUNTO HABITACIONAL ÁLVARO GAUDÊNCIO DE QUEIROZ Á BAIRRO DAS MALVINAS: a história da ocupação

O atual bairro das Malvinas teve um início muito conturbado desencadeado pela notícia de que um grupo de pessoas tinham invadido as casas, assim, não contendo a ansiedade da espera, outas famílias começaram a marchar até o conjunto. Muitas acreditavam que não tinham porque esperar, pois fazia mais de um ano que as casas já estavam edificadas, inclusive, já haviam escolas, creches e ainda 15 mil pessoas inscritas a serem sorteadas para apenas 3 mil casas.

Dessa forma, cansadas dessa espera e por acreditar que esse bem já estava pronto, muitas pessoas começam a se deslocar, todavia as mulheres com o passar dos dias tomaram à frente do movimento e começaram a se deslocar com mais frequência para o conjunto, fato que os jornais não noticiaram, mas está gravado na memória de muitas que participaram ativamente da ocupação.

Em 23 de março de 1983, as pessoas começaram a chegar ao conjunto, os populares decidiram ocupar as residências sem as mínimas condições de serem bem assistidos. No início não houve resistência e a ocupação ocorreu na rua Sebastião Martins de Oliveira, já que esse era o local de entrada da obra, onde tinha uma grande porteira.

No documentário *Malvinas: a arte da resistência*³ (2017), a invasora Rivanice Sobreira relata que sua cunhada avisou sobre a invasão das casas e, mesmo contra a vontade de muitos familiares e com seu filho pequeno, se dirigiu até o conjunto, pulou a cerca de arame farpado e conseguiu a tão sonhada casa. Ela considera-se uma invasora, já a Maria Aparecida Costa (2020)⁴. Esta chegou pouco tempo depois da invasão, após seu noivo na época ter comprado a chave da casa de uma mulher que tinha muitos filhos e invadiu diversas casas para depois vender as chaves para quem desejasse comprar. De fato, muitas pessoas desejavam adquirir o imóvel para morar, mas muitas também queriam apenas lucrar como o comércio das chaves. A questão era se o governo os reconheceriam ou não como donos, assim essas chaves eram vendidas ou trocadas por objetos ou valores baixos.

Aos poucos a notícia se espalhou pela difusão de vários jornais que relatavam a invasão do conjunto, conseqüentemente muitos começaram a se dirigir até ele, inclusive aqueles que tinham realizado as inscrições das casas, pois havia um rumor que o governo deixaria os invasores ficarem com as casas, principalmente se tivessem crianças.

Destarte, uma parte dos inscritos também chegam ao conjunto, escolhem uma casa e a ocupa, mesmo acreditando que a casa era sua por direito, já que tinham realizado a inscrição como o recomendado. Josefa Cordeiro Aynes (2019)⁵ retrata que quando soube que as casas estavam sendo invadidas e com medo de perdê-la, desloca-se até o conjunto com muita dificuldade, pois as entradas estavam bloqueadas e havia uma multidão disputando as casas mais centrais ou com terrenos de esquina, mesmo assim consegue uma casa e a ocupa. Apesar

³ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=BZ4TgcREGFI&t=228s> .> Acesso em 18 /10/2019.

⁴ Servidora pública federal, 58 anos, morou no bairro por um ano.

⁵ Atualmente, aposentada de 81 anos, morou no bairro por 35 anos, desde a sua invasão. Frequentemente visita por ter grande amizade com os moradores, como também a filha é proprietária de uma escola no bairro.

de ter sido uma das inscritas e, certamente teria sua casa garantida, decidiu não arriscar, a mesma ainda conta que seu irmão trabalhava com Ronaldo Cunha Lima e de qualquer jeito o direito a casa estava garantida, mas preferiu alocar-se, pois os rumores de que os invasores ficariam para sempre cresciam rapidamente. Josefa relata ainda que a casa garantida pelo governo só obteve anos depois da invasão.

O jornal Gazeta do Sertão, do dia 27 de março de 1983, noticiava que, poucos dias após a invasão, cerca de 300 famílias já estavam alocadas no conjunto Álvaro Gaudêncio de Queiroz, e a ocupação ocorreu no final da tarde. A maioria das pessoas se alocaram nas primeiras residências, aquelas que ficavam mais próximas do conjunto Severino Cabral, por estarem mais próximas de buscar alguma ajuda, se necessário.

Mesmo sem as mínimas condições, as famílias preferiram ocupar, o objetivo era pressionar a CEHAP. O início da ocupação ocorreu de forma pacífica, o governador Wilson Braga mandou forças policiais para controlar as pessoas e garantir a segurança patrimonial, assim iniciou um processo de não permitir a entrada ou saída de populares, esses ficaram descontentes e resistiam. Em sua maioria o movimento era composto por mulheres, fato contado pelo músico e autor do hino do bairro, Adigelson Cavalcante⁶, em documentário⁷, ainda completa dizendo que chegou aos seus ouvidos que sua esposa estava presa na ocupação e a ordem era ninguém entrar ou sair do conjunto, gerando nos familiares uma angústia por notícias.

Sales e Torres (2017) revela que as mulheres sempre empreenderam lutas sociais importantes e que muitas dessas lutas a colocam em evidência na política devido a sua manifestação, posicionamento e disputa de poder. Refletindo a constituição desse bairro é possível observar que a participação feminina à frente do movimento não era para se destacar, a luta era movida quase majoritariamente pelo desejo de melhorar suas condições de moradia, um lugar ideal para criar seus filhos, quando cansadas de tanto esperar decidiram ocupar, fato esse que publicado em site local⁸, em matéria especial em comemoração aos 29 anos do nascimento do bairro. O Jornal Estadão, da capital paulista, enfatiza que as moradas estavam quase em ordem, com porta, janela e até telhado. Faltava água, luz e esgoto, na demora, o abandono se juntou ao crescimento de vegetação e pronto: engoliram as casinhas caladas.

Fatos como esse era o combustível necessário para que muitas enveredassem por caminhos que levariam a ocupação e permanência no local, sendo assim uma das principais motivações para iniciarem o movimento e principalmente manter-se na ocupação, afinal realizar o sonho de obter a casa própria era a aspiração de muitas pessoas naquele momento no país, porém é notório também observar aquelas que invadiram a fim de lucrar com a situação.

Ainda sobre o início da ocupação, é possível observar que em poucas horas a notícia se espalhou e em plena madrugada parte das primeiras casas já haviam sido ocupadas, à medida em que se passavam as horas, mais pessoas chegavam de todos os lugares, quer seja de caminhões e carros, quer seja de carroças ou a pé. Aos poucos as casas eram ocupadas, o conjunto tomava forma, já se abriam clareiras derrubando a vegetação e avançando até os imóveis. Os jornais da época, Gazeta do Sertão e Diário da Borborema, fizeram a cobertura dos fatos, todos os entrevistados da pesquisa relataram que foram informados do movimento de ocupação por mulheres que já haviam vindo ou conheciam alguém que esteve no local.

Muitas mulheres lideraram a ocupação e para elas o significado era especial, pois, nesse mesmo momento em muitas cidades brasileiras, a luta feminina ganhava grande adesão e para as malvinenses o acesso à casa própria proporcionaria uma proteção social e direitos à educação, saúde e serviços para toda a família.

⁶ Compositor e interprete do Hino do bairro de 1984.

⁷ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=BZ4TgcREGFI&t=228s> .> Acesso em 19 /10/2019.

⁸ Disponível em: < <https://www.clickpb.com.br/brasil/associacao-das-malvinas-de-campina-grande-e-destaque-no-estadao-143893.html>.> Acesso em 21 /10/2019.

As mulheres têm contribuído com a coletivização dos espaços escondidos. Ao lutarem por um teto, por moradia, por escolas, creches, iluminação, água e postos de saúde elas dão visibilidade às diversas faces da desigualdade do qual são uma das grandes vítimas. Castells (1999, p. 123) chama a atenção para o fato de que “o progresso mais importante a partir dos anos 80 foi o extraordinário aumento no número de organizações de base popular, em sua grande maioria criadas e dirigidas por mulheres nas áreas metropolitanas dos países em desenvolvimento”. (SALES E TORRES, 2017. P. 03)

É nesse contexto que notamos que a participação feminina em diversos movimentos, passa a ser mais crescente em várias cidades brasileiras, é a partir da década de 1980 que as mulheres começam a buscar mais a participação de movimentos sociais, entre elas, Margarida Maria Alves. Havia centenas de mulheres defendendo seu pedacinho de chão. A historiadora Keila Queiroz, em entrevista ao jornal G1 Paraíba em 2015⁹, relata que a participação dessas mulheres nesse movimento ocorreu em condições muito difíceis, já que mesmo sem água e energia muitas enfrentaram o cerco.

É realmente uma experiência de empoderamento das pessoas excluídas na cidade. Foi uma guerra, foram muitas passeatas. Chegaram a ir até Brasília para que eles não tivessem que pagar a prestação da casa - e conseguiram. Tudo eles conseguiram com muita luta. Conseguiram escolas, toda infraestrutura, então é uma história que realmente encoraja. (QUEIROZ, 2015)

A igreja católica também esteve presente na ocupação com padre Pedro, da paróquia de Santa Rosa, junto com alguns fiéis, quando fizeram uma procissão apoiando a invasão, legitimando o movimento e ainda garantindo a segurança dos paroquianos. Em carreata, percorreu grande parte do conjunto e realizou a primeira missa embaixo de um pé de Juá, onde hoje localiza-se a Vila Olímpica. Para Manoel Faustino de Melo (2020)¹⁰, a atual paróquia do bairro, a Sagrada Família, deveria ter sido construída no local por trazer uma memória afetiva de luta e superação, além de as gerações futuras terem a lembrança.

Segundo Kessel (2015), a memória é um objeto de luta pelo poder entre classes, grupos e indivíduos, pois a sociedade que decide o que deve ser lembrado ou esquecido. Isso ocorreu no bairro, muitos lugares foram resignificados e hoje permanecem apenas na memória coletiva dos fundadores, uma lástima, visto que as futuras gerações pouco saberão da importância desses lugares.

O fato é que a ocupação gerou um empoderamento social, quando os indivíduos deixaram de ser meros expectadores e passaram a ocupar o espaço que era seu por direito. É a partir desse empoderamento que os populares nomeiam o conjunto de Malvinas, nome este que tinha grande significado pois estava acontecendo um conflito militar entre a Inglaterra e Argentina nas Ilhas Falklands, mais conhecidas como Ilhas Malvinas, localizadas ao extremo sul da América do Sul, ilha que estava sendo ocupada temporariamente pelos Argentinos, dois meses depois os Ingleses tomaram posse do território.

No cotidiano os moradores e transeuntes nomeavam os espaços de uma determinada forma, geralmente atribuindo destaque para características físicas do logradouro, mas nem sempre estes nomes populares são os que triunfaram no processo de construção desta memória coletiva. Percebe-se que, as autoridades (re)nomearam os espaços de

⁹Disponível em: < <http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2015/10/iniciado-com-invasao-malvinas-e-o-maior-bairro-de-campina-grande.html>.> Acesso em 19 /10/2019 .

¹⁰Profissão motorista, 65 anos e reside no bairro desde a invasão. Conhecido como Nelson, foi fotógrafo por um tempo.

forma a fazer prevalecer sua memória ou a da camada social dominante, relegando ao esquecimento o que não lhes interessava. (FRANÇA, 2015, p.302)

O nome Malvinas para os populares representava melhor seus anseios, pois era sinônimo de luta, resistência, já o nome Álvaro Gaudêncio memorava um grupo político que estava no poder estadual e federal desde 1930, nome esse que não os representava naquele momento.

Ao analisarmos os atos de escolhas de um nome próprio, de um enunciado ou até mesmo de palavras, compreendemos que isto não ocorre de forma aleatória, sempre há desejo e valores, ou seja, uma “intenção” por trás de cada significado. O espaço público, a partir do momento que é nomeado, contém a memória de um grupo que o ‘batizou’, ou de parte dos indivíduos deste grupo que fizeram prevalecer sua vontade, tornando-a ‘dominante’. Estabelece-se, desta forma, uma identidade que produz a significação do espaço, cuja denominação de alguma forma está inserida no contexto social, político ou mesmo cultural da Urbe. (FRANÇA, 2015, p.303)

Para Geralda Pereira da Silva (2019)¹¹, os moradores nomearam o conjunto de Malvinas porque com o cerco policial foram a privados da liberdade de passagem, gerando um cenário muito ameaçador para os moradores, ainda completa que “era polícia que nem uma guerra”.

As autoridades locais tentam confirmar o nome do conjunto de Álvaro Gaudêncio, mas o povo não o reconhece. Essa é a segunda vitória da ocupação, com o significado que mostrava o quanto era recompensador os dias dolorosos e amargos que vivenciavam.

Figura 2: Tanque de água da rua Sobral



Fonte: Acervo particular de Maria Aparecida Costa.

O medo constante da polícia invadir e retirar os ocupantes à força deixava os ocupantes em alerta. E dificuldades como localização das casas rondava os moradores, já que as casas não tinham números e ainda pior todas eram iguais, dificultando as tentativas de viver tranquilamente, pois muitos confundiam-se ao entrar e sair das casas. Diante essa situação as pessoas buscavam marcar as casas ocupadas como podiam, seja com placas, sacolas penduradas ou até buracos. As soluções frente aos problemas que surgiu e que dificultou o a vida dessas famílias com crianças pequenas era a falta de energia elétrica, saneamento e, principalmente, água. Um dos moradores mais antigo do bairro, Manoel Faustino de Melo (2020) conta que os problemas com água também eram frequente e esse era um desafio diário para todos, pois havia um rodízio para encher as cisternas com o carro pipa.

¹¹ Aposentada, 65 anos, reside no bairro desde a invasão, conhecida como Dona Geraldinha.

Depois de algumas negociações durante a invasão, o prefeito tenha melhorado o local em busca de voto nas próximas eleições, mesmo assim a água não supria a necessidade dos residentes, havia muita disputa que geravam acidentes, como este morador tinha uma camionete ficava muito mais fácil se deslocar para outras localidades, assim trazia água para o conjunto e fornecia a muitos moradores. Um dos meios de ajudar os moradores era comercializar água e até tonéis custeando assim as despesas com a busca.

A situação era difícil das pessoas que moravam, muitos acordavam cedo se dirigiam aos tanques querendo um balde de água, eu fornecia muitas vezes fiado e nem esperava muito que eles me pagassem, pois sabia das condições que vivíamos, mas quase sempre recebia, ajudei sim muita gente não custava nada, eu até gostava, foi um tempo bom que tenho saudades. (MELO, 2020)

De acordo com Geralda Pereira da Silva (2019), era no tanque que os moradores buscavam água ao longo do dia e quando tinha, pois, muitas vezes não eram abastecidos. Geralmente era no turno da noite que carros pipas eram vistos com mais frequência abastecendo os tanques. Mas nessa localidade passaram um bom tempo sem ter água devido a um acidente que levou a óbito seu Dedé, cujo carro tombou nas imediações no antigo balaio. A partir desse momento, a água era comprada a preços exorbitantes pelos poucos carros pipa particulares que conseguiam entrar no bairro. Para Arlinda Faustino Cruz (2020)¹², o grande desafio que muitas famílias enfrentavam no conjunto era a falta de água para os afazeres domésticos e os cuidados diários com o filho que ainda era muito pequeno.

A fotografia mostra um dos tanques, o qual os moradores se deslocava para buscar água, esse era localizado no final da rua Sobral, as casas ao fundo são próximas a atualmente feirinha do bairro, a pessoa retratada na fotografia argumenta que já havia abastecimento de água quando foi fotografada, o objetivo era guardar não só na memória o local, quando se dedicou muito tempo buscando água, o tanque foi palco de muitas discussões e amizades, sendo um espaço de sociabilidades para muitos habitantes.

A falta de abastecimento de água foi o principal empecilho para muitos viverem no conjunto, tendo em vista que a água encanada demorou bastante tempo para ser instalada. A situação complicava e o governo demonstrava querer reaver as casas. A escassez de água, a falta de condições dignas começava a acirrar os ânimos, sendo possível comprovar em jornais da época, tais como Gazeta, Diário da Borborema e o Norte, revelava para toda a cidade as notícias de que as ameaças de morte e brigas eram constantes. Uma das queixas mais recorrentes era a respeito de que muitas vezes quando recorriam a polícia não eram atendidos.

O medo constante da polícia invadir e retirar os ocupantes à força permeava a vida dos ocupantes e o sistema alegava que ninguém no conjunto tinha o direito de à propriedade daquelas casas. A pressão dada era enorme, a fim de dificultar a situação e as pessoas se retirarem e o governo reaver as casas.

É possível observar na imagem retirada do jornal da época que muitas famílias eram ameaçadas de mortes, despejadas, suas coisas eram jogadas na rua, estando com crianças ou não, a qualquer hora do dia. O medo fazia parte do cotidiano, mas os protestos permaneciam, a resistência aumentava, as pessoas não sucumbiam à pressão e opressão, o efeito era o contrário, aos poucos mais pessoas chegavam escondidas ao bairro, desafiando. A imprensa era chamada todo o momento para legitimar e noticiar os abusos ocorridos.

¹² Reside do bairro desde a invasão, tem 68 anos e servidora pública, casada com Manoel Faustino Melo.

Figura 3 e 4: Recorte de jornais



Fonte: Fotografias do Documentário Malvinas- Campina Grande ¹³

A imagem número 4 chama atenção pelo seu título “Conjunto ou campo de concentração” e revela uma crítica devido ao cercamento realizado pelo governo, com o intuito de privar as pessoas ao direito constitucional de ir e vir, e tentar censurar à cobertura jornalística que noticiava os fatos gerando uma comoção na cidade para que as pessoas ficassem nas casas.

O jornal Diário da Borborema, de 07 de abril de 1983, noticiava que o conjunto invadido parecia um campo de concentração, pois naquele dia um trator estava cavando enormes valetas com o propósito de barrar o avanço de qualquer carro que tentasse entrar no conjunto habitacional, com qualquer tipo de ajuda, causando o desespero de muitos trabalhadores que estavam sem poder trabalhar há dias ou tinham que ir trabalhar. Para muitos o desejo de realizar seu sonho de ter sua casa própria era maior que qualquer coisa, mas estava se tornando um grande pesadelo devido aos últimos acontecimentos.

Na visão do governo era o momento ideal para apertar o cerco e ações foram tomadas como a limitações de liberdade de circulação, por isso as valetas foram cavadas, com a

¹³ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=BZ4TgcREGFI&t=228s> .> Acesso em 18 /10/2019.

finalidade de que os ocupantes se dispersassem, visto que era impossível entrar qualquer ajuda. Os meios de comunicação não eram autorizados a entrar, diante do momento hostil entre os habitantes e a polícia. Nas reivindicações, as mulheres sempre tiveram à frente.

As ocupações de terra são elas que desafiam o poder da propriedade e dos aparelhos institucionais, tornando-se responsáveis pela produção do barraco, pelo levantamento e manutenção da estrutura básica de sobrevivência da ocupação, e, que por isso mesmo, são elas que enfrentam a repressão policial (SALES E TORRES, 2017, p. 3)

O cerco policial era enorme com a finalidade de amedrontar as famílias para desocuparem o local, havia também aqueles que se sentiam bem protegidos com o grande número de soldados nas ruas do conjunto. Evandro Olinto (2020)¹⁴ conta que sua mãe era uma invasora, um dia em busca de alimentos para si e para os que moravam no entorno dela, se arriscou e saiu de sua casa e ao atravessar o riacho acabou caindo na vala e quebrando o nariz, foi hospitalizada e dias depois retornou livremente a sua casa, já que além de ser mãe de policial do cerco, também era lavadeira do quartel. Ainda conta que a casa era para o irmão policial que também via na invasão a chance de ter sua moradia.

As condições de moradias eram péssimas o que favorecia era a ajuda mútua daqueles que vivenciavam as mesmas angústias. Mas nem todos tinham essa liberdade de andar livremente, esse direito era extremamente restrito, a ordem era cercar e limitar as pessoas para fazer desistir do local. Por outro lado, dentro do conjunto havia um sentimento de caos, de barbárie, pois crianças foram raptadas e muitas mulheres sozinhas ou mães solteiras durante esse processo de ocupação e permanência foram retiradas das casas por pessoas que aproveitavam da situação para impor a força, a violência e, principalmente, aterrorizar.

Era comum também muitos moradores desafiarem o cerco mesmo com as valetas, afinal precisavam de alimento, água e sair para trabalhar. Manoel Faustino de Melo (2020) conta que muitas vezes quando saía de casa a polícia não queriam deixar retornar, dirigindo sua camionete, furava o cerco passando por cima dos buracos, muitos não acreditavam que seria impossível, mas a vontade de vencer aquilo era maior que tudo.

Todavia, com o passar dos dias, a precariedade das condições habitacionais, medo, violência e desapropriação começaram a se tornar um peso para algumas famílias: o medo agora não era só da polícia não deixar mais entrar no conjunto, o receio maior era de sair e alguém se apropriar do bem ocupado ou ao retornar a família não estar mais no imóvel. Assim, muitas pessoas passaram a adotar a estratégia de que quando saíam escreviam que a casa era da família de algum militar ou de Ataliba Arruda (Mão Branca), a fim de que ninguém apropriasse do bem.

Diante da situação insustentável e não resistindo mais a pressão, algumas famílias começaram a abandonar o sonho de ter um lugar digno para morar e começam a abandonar ou vender as chaves das casas. Isso não significou um fracasso, mas um alívio de um peso que já não conseguiam mais carregar. Sandra Pesavento em seus estudos sobre cidades nos convida a refletir

a cidade é um fenômeno que se revela pela percepção de emoções e sentimentos dados pelo viver urbano e também pela expressão de utopias, de esperanças, de desejos e medos, individuais e coletivos, que esse habitar em proximidade propicia. (PESAVENTO, 2007, p. 04).

Muitos viviam constantemente com o sentimento de amor e ódio com o início da formação do bairro naquele momento, a recusa em desistir nutria ainda mais forte em muitos, a resistência era o alimento diário dos populares. Os moradores expressavam intensamente seus

¹⁴ Residente nas Malvinas, responsável pelo setor de imprensa no Instituto Elpídio de Almeida (ISEA) em Campina Grande, tem 49 anos. Filho como ele mesmo retrata de uma invasora.

sonhos, esperanças, desejos e medos em suas ações, pois haviam aqueles que confrontavam as regras como relata a ex-presidente da comissão de moradores, Rivonise Sobreira (2017)¹⁵

Eu pegava o dinheiro do povo da quadra que eu morava e desafiava os policiais dizendo eu vou sair e vou entrar, se fosse família de vocês que estivesse passando por essa situação passava, então eu conseguia passar. Comprava, voltava desafiava, insultava era insultada, mas o principal objetivo desafiar, era mostrar que nós tínhamos direito a essas casas. Porque elas estavam guardadas para dar no período eleitoral se tínhamos inscrição há anos e não tinha oportunidade de ser sorteados.

Com o tempo, as conquistas ficaram mais perceptíveis na política habitacional, principalmente quando começaram a unir requisitos para a criação de uma associação de moradores, após cinco meses de cerco policial o governo e ocupantes chegaram a um acordo a partir daquele momento eles seriam mutuários.

A cada dia mais fortalecidos, a luta continuava, as mulheres da comissão de moradores do comitê de solidariedade lideradas por Rivonise Sobreira, sempre a frente, as mulheres caminhavam como protagonistas desse momento memorável, pois muitos homens ao longo do tempo foram se afastando por divergências políticas, questões trabalhistas e até falta de interesse mesmo. O fato é que fortalecidas conseguiram algumas reuniões com as autoridades, promoveram a associação amigos do bairro, com o objetivo de reivindicar os interesses dos moradores.

A luta continuava, mas, poucos resultados surgiram, assim decidiram organizar a passeata da lata vazia e do candeeiro apagado, em que os populares com baldes na cabeça foram até o centro da cidade, exigindo do governo água e condições dignas de moradia. Na oportunidade, o governador estava na cidade, discursou para os Malvinenses garantindo que acabaria com o cerco policial, o que não aconteceu. Melo (2020) foi convidado para fazer parte da comissão, contudo por não se identificar com a política partidária não aceitou.

A luta continuava e é a partir desse contexto que visualizamos a participação feminina na construção das políticas de habitação do bairro, possibilitando espaços de discussão entre a sociedade civil e o estado reconhecendo a luta e construindo a ideia de uma cidade para todos. Mesmo com poucos avanços essas mulheres desafiavam o governo em pleno período de regime militar, seus anseios e lutas eram visualizados por aqueles que as oprimiam e acreditavam que lugar de mulher não era na política ou na rua. Durante o processo, muitas perderam maridos, filhos, emprego, mas não a vontade de ter dias melhores, a dignidade de ter seu pedacinho de chão e o orgulho de dizer que aquela terra era dela, o que não a privou de fazer algumas árduas escolhas.

4 UM NOVO TEMPO: FORMAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DO MAIOR BAIRRO DE CAMPINA GRANDE

Depois de muitas negociações, em 24 de dezembro de 1983, enfim a energia chegava nos postes do conjunto e carros pipas eram vistos com mais frequência abastecendo os tanques, entretanto para os populares essa vitória ocorreu devido ao desafeto político entre Wilson Braga e Ronaldo Cunha Lima, este desejava ser o próximo governador da Paraíba, assim negociava algumas concessões aos moradores. Ivonete de Queiroz Gonçalves (2020)¹⁶ relata que como prometido a energia chegou no dia de natal e muitos ficaram agradecidos, carros pipas à

¹⁵ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=BZ4TgcREGFI&t=228s> .> Acesso em 18 /10/2019 .

¹⁶ Reside no bairro com sua família desde da invasão, é autônoma e tem 56 anos.

disposição no dia era visto em todo o conjunto, tudo com um simbolismo muito grande, já que a distribuição de baldes com água era realizada embaixo do histórico pé de Juá, que para a mesma assim como para Melo (2020) devia ter sido preservado. Posteriormente, os ônibus também chegaram possibilitando a integração dos habitantes do bairro com o centro.

Todavia dias antes de instalar a energia foram instalados os postes. Sobre esse dia Geralda Pereira da Silva (2019) recorda um fato inusitado e trágico:

Quando a CELB começou a instalar os postes para trazer a luz, um homem saiu para comprar cigarros antes de ir trabalhar entrou na venda de seu Evaldo e dela saiu correndo porque vinha o ônibus, bateu de cabeça com o poste, foi fatal, as pessoas maldosas ficaram dizendo que ele tinha invadido as Malvinas só para morrer, essa foi a primeira morte do bairro. Isso ocorreu porque ainda não tínhamos nos acostumados e ver o bairro com postes.

História inusitadas como essa muitas vezes era confundida por muitos e rumores sobre o conjunto eram constantes, o fato é que ocorria muito na cidade era a segregação devido ao bairro ser periférico. Tudo que ocorria de anormal a população malvinense logo era acusada de ser a culpada, o bairro crescia e o preconceito contra ele também, ainda hoje é possível encontrar pessoas que não querem vir ao bairro por achar perigoso ou distante do centro.

Nenhuma das tentativas de intimidar e oprimir os populares do conjunto pelo poder público logrou êxito, seja a falta de água, a polícia com o cerco, o impedimento da liberdade de ir e vir, os boatos que alastravam, nada disso fez com que as pessoas desistissem. Assim o governo resolve cadastrar as famílias, esse cadastro ocorreu onde é situada atualmente a escola Álvaro Gaudêncio de Queiroz, no mesmo dia o carro de som convocava ao alistamento. Interessante salientar que as primeiras e principais conquistas quando efetivadas sempre foram embaixo ou bem próximos ao pé de Juá, escolhido por ser um lugar aberto de fácil acesso e com um belo sombreiro, mas não resistiu ao tempo e às modificações urbanísticas do bairro.

A adesão foi ampla, a cada dia o sonho de moradia era mais real, a partir daquele momento, os moradores seriam mutuários pagando um carnê de prestação da CEHAP. Situação que não agradou a todos, pois muitos não tinham condições.

Após cinco meses de conflito, o governo cedeu o direito das casas às famílias mediante pagamento das prestações das mesmas. No momento da regularização, foi constatado que a maioria dos ocupantes não teria condição de quitar as casas simplesmente pelo fato de serem moradores de rua ou não terem renda. (LE MOS, 2009)

O conjunto tornava se palco político para muitos que pleiteava uma vaga no poder público, disputas e lideranças foram surgindo diante de interesses próprios ou coletivos. Muitos dos que moravam eram famílias aptas a exercerem o voto.

No ano seguinte, a água chega ao conjunto, alegria de muitas famílias que já não suportavam a disputa por tambores do líquido diariamente. A água trouxe a esperança de dias melhores e possibilitou outra vitória nessa árdua luta, sentimento descrito nas memórias dos moradores que ocuparam o Conjunto. A chegada da água faz parte da memória coletiva pois lembram daquele momento e sua importância.

Em 1987, através da Lei Municipal, número 1.542, de autoria do então vereador Márcio Rocha, na administração do prefeito Ronaldo Cunha Lima, o conjunto habitacional Álvaro Gaudêncio passou ser bairro recebendo o nome oficialmente de Malvinas. De acordo com Lima, (2015), com o passar do tempo o bairro foi sendo modificado, produzindo novas paisagens, dando novas formas, e sendo reorganizado por seus habitantes, construindo uma identidade, e uma memória coletiva.

Figura 5: Rua das Umburanas em 1987



Fonte: Acervo particular de Geralda Pereira da Silva.

A fotografia 5 foi registrada no mesmo ano em que a Malvinas tornou-se bairro, apesar dela ter sido de uma comemoração de momento familiar de batizado, é visível que as condições do bairro Malvinas pouco melhoraram em cinco anos, é possível notar que ainda não havia calçamento, as ruas não eram bem definidas, haviam algumas casas muradas que os próprios moradores construíram de modo que tivessem sua privacidade e segurança garantida.

Essa rua hoje é uma das maiores do bairro, as Umburanas, ao fundo da foto é perceptível notar uma caixa d'água que não funcionava nesse período. Havia rumores que o fugitivo da polícia Ataliba Arruda usou o local para se esconder da polícia durante a década de 1980, causando medo para quem desconhecia o bairro.

Figura 6: Rua das Umburanas em 2019



Fonte: Acervo particular de Tatiana Santos Oliveira

O bairro cresceu, a partir de então serviços de saúde, educação, saneamento, lazer e comércio foram, se alastrando conforme o tempo. Observando a foto 6 da rua das Umburanas, é possível perceber que o comércio se expandiu muito em 33 anos: farmácias, ruas asfaltadas, mercados, distribuidores de água e restaurantes, posto de saúde, igrejas, fazem que essa rua seja um das mais conhecidas por toda a cidade.

A caixa d'água mostrada nas fotografias acima foi palco de muitas histórias como já supracitada no texto, tornou-se com o tempo, ponto de referência, para quem reside ou quem se desloca se até o bairro. O bairro é o que mais possui nomes femininos em suas ruas, porém a história dos nomes das ruas e quem foram essas mulheres são desconhecidas pelos moradores, mas convida à reflexão que talvez seja por ter sido pela luta feminina.

Em 2004, outra nova conquista para os habitantes das casas do bairro, os mesmos receberam uma carta que anunciava o dia e o local para ir receber o termo de quitação dos imóveis, já que muitos ainda pagavam parcelas desde quando começaram a residir nas casas. Em 21 de setembro de 2004, o governador Cassio Cunha Lima, junto com a CEHAP, entregava em ato simbólico os termos de quitação às famílias residentes, uma grande conquista para aqueles que por diversos motivos não estavam conseguindo pagar as parcelas dessas casas.

A luta continuava e em 2011 se alastrava em todo país a conversa que a organização nacional por moradia popular reivindicaria o pagamento de indenizações das casas para aqueles que passaram anos pagando os seguros das casas, assim logo que os moradores do bairro das Malvinas souberam que eles teriam direito a esse seguro relativo aos problemas estruturais, buscaram a associação de moradores, junto ao seu presidente da época Jairo Miranda, e iniciaram a saga de encaminhar os pedidos à justiça Paraibana, a fim de receber as indenizações. Algumas casas foram periciadas, outras até hoje ainda estão com o processo em andamento. Em 2017, algumas pessoas começaram a ser beneficiadas e outras ainda estão em aguardando o processo.

Atualmente as reivindicações e lutas dos moradores são por melhorias na infraestrutura, pois ainda são muitas ruas sem calçamento, bairro sem segurança, postos de saúde sem atendimento diário ou a infraestrutura de escolas, linhas de ônibus insuficientes, o sucateamento de creches e espaços dignos de lazer.

Apesar de ser o bairro da cidade mais populoso, muitos moradores lamentam que ele ainda não dispõe de quadras poliesportivas cobertas, cineteatro, piscina de hidroginástica e academias populares em vários pontos ou até uma representação na câmara de vereadores. Portanto, esses são alguns dos desejos dos habitantes desse bairro, mesmo porque as Malvinas é um bairro muito jovem, com apenas 36 anos de formação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da luta pelos seus direitos da população malvinense é muito importante não só para o bairro, mas para a constituição da luta por direitos na história do país. O bairro passou a ser conhecido por muitos, já que o seu nome foi fruto da inspiração de uma luta entre Argentinos e Ingleses, cuja nomeação pela própria população significava uma luta ganha, uma voz escutada e principalmente diante da situação que estava vivenciando o país nessa época, com o regime militar no fim, ainda existia aqueles que abusavam de sua autoridade e nem sempre cumpriam o que havia sido determinado pelo presidente.

A Constituição Federal do país de 1988, conhecida como a cidadã, prevê em seu art. 6º que a moradia é um direito social e, apesar de todo o aparato legal que norteia esse direito, ainda existem milhões de brasileiros sem seu acesso. Mesmo que a Constituição não estivesse gerada durante a formação do bairro, seus princípios já faziam parte do ideário de uma sociedade justa e igualitária e esse princípio de direito à moradia era algo que já se comentava desde o iluminismo e só ganhava mais força a cada dia.

É interessante notar que as mulheres das classes menos assistidas começaram a se organizar a partir de suas mais imediatas necessidades, ligadas aos seus papéis de dona de casa, mãe, filha ou esposa. É desse papel que nasce o envolvimento e vontade em integrar

movimentos que demandavam, moradias, escolas adequadas, centros de saúde, água corrente, transporte, moradias e outras questões ligadas diretamente à infraestrutura urbana, sendo grande destaque o movimento contra a alta do custo de vida.

O bairro nasce em cenário histórico marcado pela falta de visibilidade feminina, ao qual elas deixaram a invisibilidade e a discriminação e foram atrás do objetivo de proporcionar aos seus filhos melhores condições de moradia, foi um tempo difícil, mas venceram.

Ao observar a atuação das mulheres na luta pelo direito à moradia no bairro das Malvinas podemos analisar que a sua entrada nesse mundo possibilitou novos olhares sobre a condição de ser mulher naquele momento.

A partir disso, houve a ampliação de espaços públicos que eram negados, foram muitas reuniões políticas e sociais que participaram expondo suas ideias, dúvidas e objetivos. Suas reivindicações chegaram até Brasília, todavia mais do que chegar à capital do país, ganharam o respeito da cidade, apesar das invisibilidades nas mídias de suas conquistas que hoje parecerem tão banais para o período foi algo realmente muito grandioso.

A cidadania feminina no país chega tardia. Só a partir da constituição de 1934 trazia o direito da mulher de escolher os seus governantes, muito tempo se passará para legitimar algo que deveria ser uma regra. O tema em questão é muito importante a ser pensado, pois foram tantas batalhas que as mulheres travaram antes e depois desses fatos, o símbolo na república é uma mulher, mas ela, negros e soldados, no princípio, não foram inseridos na sociedade.

Todos esses fatores foram gerando no feminino uma vontade de empreender lutas sociais as quais eram protagonistas e mudando aquela realidade de exclusão, assim surge o empoderamento, ao qual o principal desejo é a igualdade de oportunidade, inclusão e não discriminação.

No caso do bairro das Malvinas, a luta por moradia anunciava um novo momento, em que as mulheres iriam à luta quando necessário, a qualquer custo e, principalmente, se for para defender seus direitos e assim parar de se sentir culpada por querer respeito e espaço.

Ao observar a atuação das mulheres na luta pelo direito à moradia no bairro das Malvinas, podemos analisar que a sua entrada nesse engajamento possibilitou novos olhares sobre a condição de ser mulher naquele momento, que empoderadas foram à luta.

O movimento de luta e resistência gerou grandes ganhos para o bairro uma vez que os próprios populares conseguiram seu objetivo maior, o sonho da casa própria e ainda nominar o lugar mostrando o poder da representação. Essa luta ainda está muito presente na memória das pessoas que saudosistas enumeram o quanto, em apenas 36 anos, o bairro cresceu.

Apesar do momento difícil e doloroso de ocupação para uns e invasão para outros, isso transformou não só o lugar, mas principalmente as pessoas que passaram a ser parte dessa História e notar a sua importância frente as reivindicações. O bairro nasce da resistência e tem marcado em seu nascimento um dos momentos mais marcantes da História da Paraíba. Fui resistência e venci! É assim que muitos se caracterizam, que essas memórias não sejam esquecidas e sim solidificadas para as gerações futuras é o desejo dos que fazem parte desse bairro.

REFERÊNCIAS

ARRAIS, Tadeu Alencar. A cidade e a utopia. In. *e-metropolis* nº 35, ano 9 | dezembro de 2018.

ARAÚJO, Mateus Augusto. *A política nacional de habitação e a produção do espaço urbano: o conjunto Glória em Campina Grande – PB*. Trabalho de conclusão de curso. [Bacharelado em Geografia]. Universidade Federal da Paraíba, 2010.

AYNES, Josefa Cordeiro. Entrevista concedida em 26 /10/ 2020.

BLOG RETALHOS DE CAMPINA GRANDE. Disponível em: <http://cgretalhos.blogspot.com>. Acesso entre novembro de 2019 e janeiro de 2020.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>.

CABRAL FILHO, Severino. *Cidade Revelada: Campina Grande em imagens e história*. Campina Grande: EDUFCG, 2009, pp 43-69.

CASTELLS, Manuel. O poder da Identidade. *In: A era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CERTEAU, Michel de. Caminhadas pela cidade. *In: A invenção do Cotidiano*, 1. Artes de fazer. Editora Vozes.

CIANNELLA, Leonardo Cury Maroun. *A Importância da Fotografia para a Preservação da Memória*. Texto oriundo da monografia na conclusão de bacharelado de museologia, UNIRIO, 2006.

CLICKPB. Disponível em: <https://www.clickpb.com.br/brasil/associacao-das-malvinas-de-campina-grande-e-destaque-no-estado-143893.html>. Acesso em 08 de novembro de 2019.

COSTA, Maria Aparecida. Entrevista concedida em 20 /05/ 2020.

CRUZ, Arlinda Faustino da. Entrevista concedida em 30 /05/ 2020.

FRANÇA, João Paulo. A “Rua do esquecimento”: A Memória dominante nos logradouros centrais de Campina Grande -PB. *Revista Espacialidades* [online]. 2015, v. 8, n. 1

FLORES, Maria Bernadete Ramos & CAMPOS, Emerson César de. *Carrosséis urbanos: da racionalidade moderna ao pluralismo temático (ou territorialidades contemporâneas)* In. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, nº 53, p. 267-296 – 2007.

G1. Disponível em: <http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2015/10/iniciado-com-invasao-malvinas-e-o-maior-bairro-de-campina-grande.html>. Acesso em 08 de novembro de 2019.

GONÇALVES, Antônio Custodio Os bairros urbanos como lugares de práticas sociais, *Revista da faculdade de letras- Geografia, Série. Vol. IV - Porto*, 1988 p. 15 a 3.

GONÇALVES, Eveline Filgueiras. *A foto autobiografia como espaço de recordação em álbuns de memórias sobre a Universidade Federal da Paraíba no arquivo Afonso Pereira*. João Pessoa, 2016.

GONÇALVES, Ivonete de Queiroz. Entrevista concedida em 18 /05/ 2020.

INDURSKY, Freda. O entrelaçamento entre o político, o jurídico e a ética no discurso do/sobre o MST: uma questão de lugar-fronteira. *Revista da ANPOLL*, n. 12, p. 111-131, 2002.

LE GOFF, Jacques, 1924 *História e memória* / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão. [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios) p.366- 420.

LE MOS, EMBC. DANTAS, ER. and. CHAO, CHN. org. *De portas abertas para o lazer: a cultura lúdica nas comunidades de Bairro* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2009. E-Book.

LIMA, Renato Rodrigues. Memória coletiva e identidade popular. *Revista Lúmen et.* Vol. VI Nº 14. 2015

MAIA, Doralice Sátyro. *Habitação popular e o processo de periferização e de fragmentação urbana: uma análise sobre as cidades de João Pessoa-PB e Campina Grande-PB*. Geosul, Florianópolis, v. 29, n. 58, p 89-113, jul./dez. 2014

MALVINAS ONLINE. Disponível em: <https://malvinasonline.com.br>, acesso em diversas Acessos entre agosto de 2019 e junho de 2020.

MELO, Luiz Gonzaga. *Habitação Popular em Campina Grande*. 1985. Dissertação (Mestrado em Sociologia). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba/CCHLA.

MELO, Manoel Faustino de. Entrevista concedida em 30 /05/ 2020.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da História*. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy, Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*, vol. 27, nº 53, junho de 2007, p.14-15.

POSSAMAI, Zita Rosane. *Narrativas fotográficas sobre a cidade*. In. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, nº 53, p. 55-90 – 2007.

SALES, Alessandra do Amaral. TORRES. Iraíldes Caldas. A atuação das mulheres na luta por moradia: um olhar sobre o movimento Orquídeas em Manaus. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress. *Anais Eletrônicos*. Florianópolis, 2017.

SILVA, Hilmária Xavier. *A invenção de um lugar: vivências e memórias (n)da Favela da Cachoeira (Campina Grande 1959 – 2006)*. - Campina Grande: EDUFPG, 2015.

SILVA, Iranise Alves da. *A política habitacional para as classes de baixa renda de Campina Grande – Paraíba*. Dissertação (Mestrado em Economia). Campina Grande: Universidade Federal da Paraíba, 1987.

SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de. *Territórios de confrontos: Campina Grande, 1920 – 1945*. Campina Grande: EDUFPG, 2006.

OLINTO, Evandro. Entrevista concedida em 19 /05/ 2020.

OLIVEIRA, Marco Antônio Alves de. PRINCE, Ana Eneidi. História, educação e patrimônio: a importância da educação patrimonial. *Revista Univap*. 2017.

OLIVEIRA, Taynan Araújo de. *Centralidade e novas áreas centrais em Campina Grande: o centro do bairro das Malvinas*. João Pessoa. Dissertação (Pós-Graduação em Geografia) 2017

SILVA, Geralda Pereira da. Entrevista concedida em 08 /11/ 2019.

SILVA, Keila Queiroz (diretora). *Malvinas - A Arte da Resistência (Parte I)*. Campina Grande, 2017, 20 min. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=BZ4TgcREGFI&t=229s>. Acesso em 06/10/2019.

Vídeo do Acervo de matérias da *História do Bairro das Malvinas - Campina Grande, Paraíba - Brasil* (Associação de Moradores das Malvinas, ano 2012. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?gl=NG&hl=en-GB&v=pV8SzhtXhF8>. Acesso em 18/10/2019.

Vídeo do Acervo de matérias da *História do Bairro das Malvinas - Campina Grande, Paraíba - Brasil* (Associação de Moradores das Malvinas, ano 2012. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=MGyGMgfHodI> . Acesso em 18/10/2019.

AGRADECIMENTOS

Sou muito grata a realização desse projeto, pois há muito tempo queria dar voz às mulheres silenciadas no bairro, cresci com as adversidades que apareceram, a vida ensinou a tolerância e a perseverança e outras qualidades que jamais conheceria sem problemas. A gratidão é o único tesouro e, ao fim, essa pesquisa se materializa descrita nessas páginas trazendo à tona a memória de uma geração que jamais será esquecida e que foi o combustível necessário ao ingresso na Especialização de História Local, promovida pela Universidade Estadual da Paraíba e, principalmente, na dedicação para a construção desse trabalho. Agradeço...

Aos meus pais, pela vida. Especialmente à minha mãe pelo amor, pela educação e pelo incentivo e seu olhar de orgulho por ter formado uma filha professora.

Ao meu esposo Ivan Barbosa pela compreensão nas ausências e pelo suporte diário e tecnológico.

À minha orientadora Hilmária Xavier Ribeiro, pela compreensão de minhas crises de ansiedade e, principalmente, pelas dicas valiosas que muito contribuíram para consolidação dessa pesquisa, que era um sonho desde a graduação e que dez anos depois foi possível realizar. Fazendo acreditar que é possível sim acreditar, immortalizo, assim, o meu eterno agradecimento.

Ao professor Glauber Paiva, que pouco conheço, mas muito aprendi nas manhãs de sábado do último ano, conceitos como memória e sua importância e que, juntamente com a professora Raquel Silva, de forma tão atenciosa se dispuseram a ler, avaliar e contribuir para a construção dessa pesquisa.

Aos professores do Curso, que contribuíram na formação por meio das disciplinas, leituras e debates para o desenvolvimento desta pesquisa. Ao professor João Damasceno pelo auxílio geográfico.

Gratidão também aos coordenadores e secretária do curso que juntamente com o Núcleo sempre foram muito cordiais e dispostos a ajudar os alunos.

Aos meus colegas de turma, que sempre solícitos e interativos muito contribuíram para a compreensão de muitas questões estudantis e pessoais e, principalmente, às minhas colegas de curso que me ajudaram nessa difícil missão de retorno ao universo acadêmico, onde dividi muitos momentos agradáveis, especialmente: Cida, Patrícia, Edjane, Silvania e Raissa.

E o agradecimento especial é dedicado aos homens e mulheres cujos relatos de memórias foi o combustível necessário para solidificar a história de luta e resistência que hoje muito nos orgulha, pois somos sim um bairro que foi construído a partir da luta.

A todas essas pessoas, solidifico o meu muitíssimo obrigada por tudo!